
SOUS L'INVOCATION DE SAINT JÉRÔME. Valery Larbaud. Paris: Gallimard, 1997, 349 pp.

O livro, publicado em 1946, é reeditado em 1997, quarenta anos após o falecimento do autor. A reimpressão traz um anexo com cinco ensaios publicados em diversos periódicos. A capa exibe um detalhe de *São Jerônimo* (SJ) em indumentária cardenalícia, homenagem póstuma do artista, Teodoro de Praga, ao Santo que nem sequer foi bispo, mas que poderia ter sido sucessor do papa Dámaso de quem foi secretário.

Deixando de lado o rico anedotário em torno da vida do Santo, Larbaud traça um rápido perfil do “Patrono dos tradutores”.

Além de escritor latino à altura dos clássicos, *Eusebius Hieronymus* domina o grego. Seu interesse pelas fontes do cristianismo o conduz à Palestina onde aprende o hebraico e o aramaico. Em posse desse arsenal lingüístico empreende a tradução da Bíblia ao latim, dando assim origem à Vulgata. Graças à sua atividade tradutora, bem como aos seus deslocamentos do Ocidente latino para o Oriente próximo, SJ contribui poderosamente para o intercâmbio entre as respectivas culturas. Merece, portanto, ser invocado não só pelos tradutores mas também pelos profissionais das letras em geral, já que nesse campo ele teve um papel relevante.

A atividade de SJ se exerce entre a produção original e a tradução. Nesta última se destaca não só pela prática, mas também pela teoria. Especial destaque merece

a carta LVII : *De optimo genere interpretandi* (sobre a melhor maneira de traduzir) que deveria ser a Bíblia dos tradutores. Nela expõe de maneira engenhosa o princípio que norteia a sua tradução: *non verbo de verbo, sed sensum exprimere de sensu*, isto é, não visar a tradução palavra por palavra e sim o sentido. Mas sem descuidar o *gênio da língua*. Essa carta, mais um trecho da XX, o prefácio do *Chronicon* e a introdução à Vulgata constituem, no entender de Larbaud, “a arte da tradução” de SJ. Coincidência, acidental ou intencional com a *ars amatoria* de Ovídio e a *ars poetica* de Horácio? Sendo ele próprio tradutor e escritor, Larbaud conhece as questões literárias, morais, filosófica e técnicas envolvidas na arte da tradução; é também consciente dos perigos que assediam os tradutores: a preguiça, o desânimo e “last but not least” *les contresens et les pernicioeux conseils des dictionnaires bilingues* (p. 19). Tudo isso justifica certamente a *invocação* do Patrono dos tradutores.

Após invocar o Santo, “nosso modelo na terra, nosso protetor no céu” (p. 10), o autor aborda algumas das principais questões relativas à tradução. Porém, não se deve procurar sistematicidade nem

concatenação entre os vários temas discutidos nesta segunda parte: *a arte e o ofício* (“l’art et le métier”). Tampouco devemos esperar um estudo exaustivo sobre alguns dos aspectos da tradução. A tarefa, mesmo se restrita ao âmbito do francês, seria *el cuento de nunca acabar* (em espanhol no texto).

Comentando uma tradução desastrada da *Eneida*, o autor de *l’invocation* dá o seguinte conselho: quem não pode traduzir poesia, traduza prosa; e quem não pode ser tradutor, seja leitor. A propósito de uma tradução do inglês para o francês discute-se a liberdade do tradutor. No caso de “substituição”, por exemplo, de uma fruta menos conhecida por outra mais conhecida, não há objeção. Mas quando de Maistre propõe a “supressão”, elisão duma frase ou dum parágrafo alegando a ridicularidade ou o absurdo do mesmo, Larbaud diz que “a responsabilidade e a honra de tradutor lhe impediriam ir tão longe” (p. 67). O ideal seria a tradução conservar a frescura do original, sem sacrificar a exatidão à beleza nem a beleza à exatidão (p. 96).

Qual o segredo para conseguir esse equilíbrio? Não existem fórmulas prontas. No entanto, para se formar um tradutor, um dos

ingredientes que não pode faltar é a leitura; seria desejável que o tradutor fosse também escritor. Com efeito, há grandes escritores que foram ao mesmo tempo excelentes tradutores. Quanto à utilidade, e freqüentemente necessidade da tradução, desnecessário insistir. A aproximação política e cultural entre França e a Grã-Bretanha é, em grande parte, fruto do trabalho realizado pelos tradutores.

Apesar do esconjuro aos dicionários bilingües lançado anteriormente, esses *livres consulaires* (p. 80), ganham um dos pequenos ensaios da II parte. As únicas línguas que contam com dicionários e gramáticas em nível aceitável (anos quarenta) são o francês e o inglês. Quanto ao português, espanhol, etc., a penúria é grande. Atualmente a situação é diferente, devido principalmente ao advento da informática. Porém, hoje como outrora, é indispensável o recurso ao “dicionário latente”. Graças à triagem realizada pelo tradutor, a tradução pode ganhar uma vitalidade igual ou semelhante à do original.

O autor de *l'invocation* demonstra um amplo e profundo conhecimento do universo humanístico. Ele se sente em casa tanto no mundo latino quanto no saxônico, notadamente o de língua inglesa. Entre os seus tra-

balhos há traduções do inglês para o francês. Faz jus, pois, ao elogio que a Enciclopédia Britânica lhe dispensa: “intermediário literário entre a França e a Europa, principalmente a Inglaterra e as nações hispano-falantes”. No campo da tradução o livro de Larbaud revela intuições decorrentes da prática, antes que da teoria. Isso explica, em parte, a falta de sistematicidade e as imprecisões de quem “lembra, ouviu ou leu” aqui ou acolá.

A reverência do autor pelo “Príncipe dos tradutores”, não o ofusca a ponto de silenciar traços nem tão santos do santo Patrono. Um deles é o comportamento nada cristão de SJ em relação a Rufino (pp. 43-44), também homem de letras e tradutor. Larbaud que considerou inaceitáveis as modificações sugeridas por de Maistre, certamente dissentiria das alterações feitas por SJ na tradução da Vulgata por motivos doutrinários, como revelam estudos recentes. Dentre as interpolações destaca-se a do livro de Tobias, 6, 14-22 e 8, 9. Segundo o original hebraico, celebrado o casamento de Tobias com Sara, à noite, depois de uma breve oração, o casal foi à cama. Segundo a Vulgata o casal se absteve durante as três primeiras noites. Só na quarta mantiveram relações,

com a exclusiva finalidade de procriar. *Tobias mantém relações com Sara já na primeira noite. O resto vem do asceta Jerônimo*, observa a teóloga alemã U. R. Heinemann, autora do livro *Eunucos pelo reino de Deus* (Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1988).

Sous l'invocation de Saint Jérôme, reimpresso quando os estudos sobre tradução estão em alta, vem nos lembrar que as questões debatidas atualmente o eram há

quatro décadas; aliás, há séculos, como demonstra principalmente a espístola LVII de são Jerônimo. A persistência do debate indica que a solução ainda não foi encontrada; ou que não há solução definitiva que dispense a busca permanente. Assim, ante o perigo da estagnação somos convidados a renovar a invocação ao Santo Patrono, suplicando: *ora pro nobis!*

Rafael Camorlinga Alcaraz
UFSC
